

Amor, Casamento e Fidelidade na Cultura Brasileira

El Amor, el Matrimonio y la Fidelidad en la Cultura Brasileña

Love, Marriage and Fidelity in the Brazilian Culture

Mirian Goldenberg

Resumo: neste texto, são analisados, comparativamente, os diferentes discursos de homens e mulheres a respeito do amor, do casamento e da fidelidade. Para isso, foram extraídos dados de pesquisa realizada com 1279 homens e mulheres, dos 20 aos 60 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro, por meio de questionários e entrevistas em profundidade. Os resultados desse estudo evidenciaram que: a fidelidade permanece como o principal valor para os pesquisados, apesar das significativas mudanças que eles apontam nas relações amorosas na atualidade; homens e mulheres traem e são traídos: a relação entre discursos, comportamentos e valores se mostra complexa e paradoxal quando a questão é a (in)fidelidade.

Palavras-chave: amor, casamento, fidelidade, gênero, cultura.

Resumen: la finalidad de este trabajo es analizar los diferentes discursos de los hombres y las mujeres acerca del amor, del matrimonio y de la fidelidad. La encuesta se realizó entre 1.279 hombres y mujeres de entre 20 y 60 años, residentes en la ciudad de Río de Janeiro, a través de cuestionarios y entrevistas. Los resultados evidenciaron que: la fidelidad sigue siendo el principal valor de los encuestados, a pesar de los importantes cambios que resultan en la actualidad en las relaciones amorosas. Como muestran los datos de las encuestas, los hombres y las mujeres engañan y son engañados. La relación entre discursos, comportamientos y valores se muestra compleja y paradójica cuando el tema es la (in) fidelidad.

Palabras claves: el amor, el matrimonio, la fidelidad, el género, la cultura

Abstract: the different male and female discourses about love, marriage and fidelity are analyzed in the study. 1279 men and women aged between 20 and 60 from the city of Rio de Janeiro provided data for the research by means of questionnaires and in-depth interviews. Findings suggest that the participants in the research still assign a major importance to fidelity despite the remarkable changes in the current romantic relationships. They also suggest that both men and women betray and are betrayed. The interwoven relationship of discourses, behaviors and values is complex and paradoxical as far as infidelity is concerned.

Keywords: love, marriage, fidelity, gender, culture.

Mirian Goldenberg é antropóloga e professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora convidada da Casa do Saber/ Rio de Janeiro; colunista do jornal *Folha de São Paulo*. É autora de: *A Outra; Toda Mulher é meio Leila Diniz; A Arte de Pesquisar; Os Novos Desejos; Nu & Vestido; De perto ninguém é normal; Infiel: notas de uma antropóloga; O Corpo como Capital; Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade; Noites de Insônia: cartas de uma antropóloga a um jovem pesquisador; Por que Homens e Mulheres Traem?; Intimidade, Corpo, Envelhecimento e Felicidade; Tudo o que Você não Queria Saber sobre Sexo*. Tem realizado e orientado dezenas de pesquisas nas áreas de gênero, corpo, moda, consumo, envelhecimento, casamento, infidelidade, sexualidade e novas conjugalidades na cultura brasileira.

<http://www.ppgsa.ifcs.ufrj.br>; www.miriangoldenberg.com.br; miriangg@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Nos meus 20 anos, li todos os livros de Simone de Beauvoir: seus romances, suas memórias, seus ensaios. Seus livros, principalmente *O segundo sexo*, foram decisivos para que me tornasse a mulher que sou e uma estudiosa das relações de gênero.

O segundo sexo foi publicado na França, em 1949, e se tornou uma bíblia das feministas de todo o mundo. Neste livro, está a clássica frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A filósofa fez uma defesa radical da liberdade feminina, afirmando que as mulheres deveriam escapar das prisões do casamento e da maternidade. Não são os indivíduos os responsáveis pelo malogro do casamento, dizia, é a própria instituição do casamento, desde a origem, pervertida. Declarar que um homem e uma mulher devem se completar de todas as maneiras durante toda a vida é “uma monstruosidade que engendra necessariamente hipocrisia, mentira, hostilidade, infelicidade”, escreveu Simone.

Ela apontou, como problemas do casamento, a dissimetria e a dupla moral sexual que permite ao homem “trazer para seu leito escravas, concubinas, amantes e prostitutas” enquanto a esposa “deve-lhe a virgindade e uma fidelidade rigorosa”. No entanto, Simone de Beauvoir acreditava no amor. Ela dizia que numerosos matizes são possíveis nas relações entre um homem e uma mulher: na camaradagem, no prazer, na confiança, na ternura, na cumplicidade, e também no amor. Eles poderiam ser um para o outro a mais fecunda fonte de alegria, de riqueza, de força que se propõe um ser humano.

Simone de Beauvoir junto com Jean-Paul Sartre constituiu um casal mítico do século XX, ao fundar uma relação amorosa em torno das ideias de liberdade irrestrita e de transparência absoluta: contariam tudo o que lhes acontecessem, inclusive seus amores contingentes. O relacionamento deles, que se tornou um modelo desejado e imitado por muitos, não se encaixava em nenhum arranjo existente. Em suas memórias, ela escreveu

sobre esse pacto lendário, que durou mais de cinquenta anos, de 1929 até a morte de Sartre, em 1980.

No entanto, ao ler *Cartas a Nelson Algren*, descobri uma Simone de Beauvoir que me era desconhecida: uma mulher que faria qualquer coisa para manter o amante, menos se separar de Sartre. Em 1947, aos 39 anos, Simone conheceu o escritor norte-americano em uma viagem aos Estados Unidos.

Em uma carta para o amante, para justificar sua relação com Sartre, Simone fez uma distinção entre os sentimentos presentes em seu amor necessário – amizade verdadeira, fraternidade absoluta, compreensão, paz, equilíbrio – e os que estavam presentes em seu amor contingente – amor verdadeiro, desejo sexual, falta, medo.

Simone revelou que sua ligação com Sartre excluía o sexo. Era fundamentalmente uma relação de “alma”. Com o amante, era muito mais, era “coração, alma e corpo”. Mencionou, ainda, a relação que teve anteriormente com um belo jovem, que era apenas “corpo”. Distinguiu três tipos de relação: a que é baseada na amizade, a que é limitada ao sexo e, por último, a que significa o amor verdadeiro e total, pois reúne amizade e sexo. Nesse sentido, para ela, a relação com o amante era a mais completa das três. Mas ela não aceitou se casar com ele e nem se separar de Sartre, como escreveu em outra carta ao amante.

A infidelidade se tornou um grande problema para os amantes. Em inúmeras cartas, Nelson Algren se questionou sobre a possibilidade de dormir ou não com outras mulheres. Simone de Beauvoir respondeu, a todas, dizendo que ele deveria, sim, dormir com outras mulheres, desde que não deixasse de amá-la. Para ela, a única fidelidade possível era aquela exercida com liberdade e não compulsoriamente. Ela seria fiel ao amante porque era livre para escolher dormir com o único homem que realmente desejava. Nas cartas, ela afirmava incessantemente que eles eram marido e mulher e que era “fiel como uma esposa exemplar e convencional”.

Simone construiu, simultaneamente, em suas memórias, em suas cartas ao amante, em seus romances e ensaios, diferentes versões sobre

o relacionamento com seu amor necessário, Jean-Paul Sartre, e com seus amores contingentes. Nesses diferentes livros, descobri uma mulher contraditória, uma defensora da liberdade da mulher, e outra totalmente submissa ao seu amor necessário e aos contingentes; uma feminista radical e uma típica mulherzinha dependente de seus homens.

O impacto foi tão grande que voltei a reler todos os livros de Simone de Beauvoir, os mesmos que li e reli aos 20 anos, para compreender melhor a obra de uma mulher que influenciou decisivamente minha vida e meu interesse pelos estudos de gênero.

Será que o amor e o problema da fidelidade são capazes de tornar até mesmo uma mulher como Simone de Beauvoir “meio idiotizada”?

1. Amor, Amizade e Paixão

Os homens e mulheres que tenho pesquisado nos últimos 23 anos apontaram três tipos de sentimentos presentes no casamento: o amor, a paixão e a amizade. O amor aparece como um sentimento amplo e difuso. É diferente da paixão, um sentimento inicial e provisório, que necessariamente se transforma em amor ou, mais comumente, acaba. Para os pesquisados, é impossível estar em um estado de paixão permanente por dois motivos: porque a paixão não resiste ao cotidiano e porque é insuportável a irracionalidade e a loucura inerentes ao estado de paixão. A paixão, quando não acaba como fogo de palha, se transforma em algo mais tranquilo e administrável: o amor, que, para durar, deve conter resíduos dessa paixão inicial ou corre o risco de se transformar em outro tipo de sentimento: a amizade. O casamento deve conter uma combinação destes três sentimentos: uma grande dose de amor, com algumas pitadas de paixão e de amizade.

Os casais devem evitar o risco de desequilibrar essas porções, já que uma grande dose de amizade poderia transformar a relação dos cônjuges em uma relação de irmãos, desertizada. Na hierarquia dos meus pesquisados, o polo mais valorizado é o do amor, e o menos valorizado

é o da amizade. E é a paixão que evita que o amor se transforme em amizade.

Apesar de o amor ser considerado o sentimento mais fundamental para a manutenção do casamento, é o mais difícil de ser definido por eles. O amor se encontra entre a paixão e a amizade, é menos explosivo do que a primeira, mas menos morno do que a segunda. É mais seguro do que a paixão, mas menos garantido do que a amizade.

Se a paixão é insuportável pela sua imprevisibilidade e loucura, a amizade é perigosa pela sua racionalidade e rotina. Um equilíbrio complicado é necessário para que uma e outra estejam presentes, mas que não sejam mais fortes do que o amor.

A paixão é associada ao excesso de sexo. A amizade está associada à falta de sexo. O amor exige o sexo, mas não aquele tipo de sexo que domina o indivíduo. O sexo é algo que pode e deve ser administrado, deve ser frequente e agradável, mas mais controlável do que na paixão. O casal deve estar atento para não deixar o sexo cair na rotina e se tornar burocrático, fantasma que ameaça as relações conjugais.

A ideia de que é possível administrar esses três sentimentos apareceu entre os meus pesquisados. A paixão, a mais irracional dos três, deve ser domada, domesticada, mas não pode ser excluída do casamento. A insegurança, uma dose controlada dela, a incerteza sobre a posse do outro, é considerada necessária para o desejo sexual sobreviver.

Essa matemática complicada torna os casais reféns de lógicas diversas, e, muitas vezes, contraditórias. Os pesquisados apontam como perigos para o casamento: a rotina, o cotidiano, a burocratização, a mesmice, a certeza de possuir o outro, a segurança que leva à morte do desejo. Mas falam também da necessidade de fidelidade, do problema do ciúme, da insegurança, da vontade de possuir o ser amado, de ter certeza de que se é amado por quem se ama.

O maior problema da amizade é a morte do desejo sexual. O desejo sexual se alimenta da falta, da ausência, da conquista. Não se deseja o que

se tem, mas o que não se possui. Como conciliar a estabilidade de um casamento e o desejo sexual?

2. O Valor da Fidelidade

Em 2007, o Datafolha realizou uma pesquisa com 2093 entrevistados, em 211 municípios brasileiros. Para a pergunta: “O que é mais importante no casamento?”, os pesquisados responderam: fidelidade (38%), amor (35%), honestidade (15%), filhos (5%), vida sexual satisfatória (2%) e dinheiro (2%).

Em uma pesquisa com a mesma temática, realizada pelo Datafolha em 1998, 23% dos pesquisados declararam que a fidelidade era o fator mais importante para o casamento feliz, uma porcentagem bastante inferior à de 2007. Em 1998, o amor foi apontado em primeiro lugar como o mais importante (41%), seguido da honestidade (24%). Este dado revela que a fidelidade, com o passar dos anos, tornou-se um valor ainda mais básico do que o amor para os casais brasileiros.

Para a questão: “O que é mais prejudicial a um casamento?”, a resposta foi ainda mais categórica: 53% dos pesquisados disseram traição, seguida com uma expressiva distância de falta de amor (15%), ciúmes (11%), incompatibilidade de gênios (5%), desemprego (4%), dificuldades financeiras (3%), brigas com a família do companheiro (3%), vida sexual insatisfatória (1%), um dos parceiros gastar demais (1%) e não ter filhos (1%).

Os dados do Datafolha comprovam o que tenho encontrado em minhas pesquisas: a fidelidade é um valor fundamental para os casais contemporâneos. Nos mais diferentes tipos de arranjos conjugais, inclusive na relação entre o homem casado e a sua amante, a fidelidade é um valor básico.

Apesar de muitos comportamentos masculinos e femininos não estarem mais tão distantes, inclusive no que diz respeito à traição - como mostram os dados da minha pesquisa em que 60% dos homens e 47%

das mulheres afirmaram já terem sido infiéis – os discursos femininos e masculinos são extremamente diferentes.

Um dado a ser pensado é o diferente posicionamento de homens e mulheres no que diz respeito às causas da traição. Os homens se justificam por terem uma natureza propensa à infidelidade. Nas respostas femininas encontrei insatisfação com o parceiro como a principal justificativa para a traição. Muitas mulheres, mesmo sendo mais livres em seus comportamentos sexuais, adotam o discurso de vítima da dominação masculina.

No discurso dos homens e das mulheres, a culpa da traição é sempre do homem: seja por sua natureza incontrolável, seja por seus inúmeros defeitos (e faltas) no que diz respeito ao relacionamento.

Numa época em que os casais não acreditam no amor eterno, é instigante pensar na idealização da fidelidade, que permanece fortíssima, inclusive nas relações extraconjugais. As Outras, as amantes de homens casados, que pesquisei acreditam que seus amantes não têm relações sexuais com as esposas. Os homens casados que pesquisei acreditam que suas amantes lhes são fiéis sexualmente. Não só no casamento, mas também no adultério, a fidelidade é um valor. Encontrei raríssimos casais que defendiam o casamento aberto, em que o marido e a esposa poderiam ter relações extraconjugais, desde que contassem tudo um ao outro, sem colocar em risco a relação principal.

Como já mostrei em livros e artigos, no Brasil, ter um marido é uma verdadeira riqueza, especialmente em um mercado em que os homens disponíveis para o casamento são escassos. As mulheres casadas que pesquisei se sentem muito poderosas, pois, além de terem um marido, acreditam que são mais fortes e independentes do que eles (mesmo que eles ganhem muito mais do que elas e sejam mais bem sucedidos em suas profissões). Em um mercado em que os maridos são escassos, as brasileiras casadas sentem-se triplamente poderosas: por terem um produto raro e extremamente valorizado no mercado; por se sentirem superiores e imprescindíveis para seus maridos e, principalmente, por acreditarem que

eles são fiéis. Criei então o conceito de que, no Brasil, o marido é um capital.

Pode-se pensar que, no caso de muitas brasileiras que não possuem o “capital marital”, o amante fiel é considerado um outro tipo de capital, um pouco menos valorizado do que o marido fiel, mas ainda desejado.

Encontrei, entre os meus pesquisados, uma ideia que chamei de “fidelidade paradoxal”. Qual é o paradoxo da (in)fidelidade que aparece entre os meus pesquisados?

Em primeiro lugar, o valor da fidelidade, mesmo quando os indivíduos são efetivamente infiéis. Pode-se pensar que é justamente porque os indivíduos são, em grande parte, infiéis que a fidelidade é um valor.

Em segundo lugar, a fidelidade pode ser vista como uma ilusão. Mesmo sabendo que é provável que o parceiro seja ou tenha sido infiel, deseja-se acreditar que ele é fiel. Os pesquisados querem a ilusão de fidelidade muito mais do que a própria fidelidade.

O importante é acreditar na fidelidade, muito mais do que ser efetivamente fiel. Neste sentido, o depoimento de um dos meus pesquisados é exemplar para se compreender o paradoxo da infidelidade: o cafajeste, o homem que é mestre em ser infiel, pode ser considerado “o cara mais fiel do mundo”, porque sabe representar muito bem o papel de homem fiel com diferentes mulheres (e não apenas com uma).

Sabe qual é o maior paradoxo? O cafajeste é o cara mais fiel do mundo. Ele é o único que faz com que muitas mulheres se sintam únicas. Cada mulher com quem ele se relaciona se sente especial na vida dele. E é isso o que uma mulher quer ser: especial, única, ou melhor, ela quer acreditar que é a única. O cafajeste é o único cara que consegue transar com dez mulheres e fazer com que cada uma das dez se sinta a única na vida dele. E não é isso o que as mulheres querem? Serem únicas? Então o cafajeste é o cara mais fiel do mundo. É o único que faz com que dez mulheres acreditem que ele é fiel e que elas todas são únicas. Moral da história: é melhor ser cafajeste do que um cara fiel, porque elas acreditam mais no cafajeste do que em nós. Não é um paradoxo maluco?

Quando perguntei “Quais os principais problemas que você vive ou viveu em seus relacionamentos amorosos?”, percebi enormes diferenças entre os discursos femininos e masculinos. De semelhante, deve-se destacar que, entre os principais problemas apontados por homens e mulheres, dois são comuns: infidelidade e ciúme.

Os homens apontaram que o principal problema que viveram em suas relações, além da infidelidade e do ciúme, foi a falta de compreensão.

As mulheres responderam: falta de amor, falta de intimidade, falta de carinho, falta de romance, falta de confiança, falta de sinceridade, falta de diálogo, falta de liberdade, falta de paciência, falta de atenção, falta de companheirismo, falta de maturidade, falta de tempo, falta de tesão, falta de sexo, falta de respeito, falta de individualidade, falta de dinheiro, falta de interesse, falta de reciprocidade, falta de sensibilidade, falta de intensidade, falta de responsabilidade, falta de pontualidade, falta de cumplicidade, falta de igualdade, falta de organização, falta de amizade, falta de alegria, falta de paixão, falta de comunicação, falta de conversa etc. Algumas ainda afirmaram que falta tudo.

Enquanto os homens foram extremamente objetivos e econômicos em suas respostas, algumas mulheres chegaram a anexar e grampear folhas ao questionário para acrescentar mais e mais faltas.

Na questão em que peço que descrevam um modelo ideal de vida de um casal, os homens responderam: “com compreensão”. Um número expressivo de homens respondeu: “com paz”. É curioso que vários homens responderam “sem brigas”, enquanto muitas mulheres fizeram questão de destacar que o modelo ideal seria “com algumas brigas”.

Em um dos meus grupos de pesquisa, uma viúva de 68 anos me disse que está muito feliz, pois namora, há mais de dois anos, um homem bem mais jovem do que ela. Ele tem 40 anos e é casado com uma mulher de 32. Ela contou que eles se encontram quase todos os dias da semana, sempre na hora do almoço.

Ele diz que está comigo porque sou carinhosa, compreensiva, alegre. Ele me chama de sweetheart. Eu adoro! Reclama que a mulher dele é muito mandona, briga muito, exige demais. Ele morre de medo dela. Sabe como ele chama a mulher? Madame Mim, bruxa, megera... Ele sente falta de amor, de carinho, de aconchego, quer alguém que cuide dele, que o admire, que o respeite. Sei que não é por falta de opção que ele está comigo. Então, eu capricho. Estou sempre cheirosa e arrumada, sou super carinhosa, cuido dele, faço muita massagem, preparo comidinhas gostosas, sou compreensiva, atenciosa, digo que ele é o melhor amante do mundo. Não cobro nada, não reclamo de nada. E ele sempre volta para mim.

Após um debate sobre os casamentos contemporâneos, uma mulher me disse: você tem que me entrevistar, eu tenho uma Outra. Ela contou que é casada há dez anos, tem dois filhos e que sempre achou, e ainda acha, que é 100% heterossexual. Só que sua amante consegue lhe dar tudo o que falta na relação com o marido: amor, atenção, carinho, delicadeza, diálogo, amizade e, especialmente, intimidade física e emocional.

Sou heterossexual. Só que nunca consegui ter a intimidade que tanto desejo com um homem. Eles não sabem dar um abraço aconchegante ou escutar verdadeiramente uma mulher. E, quando tento explicar a diferença entre uma conversa íntima e uma fala vazia, eles não compreendem. O sexo com minha amiga é consequência de horas e horas de intimidade. Só com ela consegui ter a intimidade que sempre busquei. Nunca me senti tão próxima de um homem, nunca me senti tão escutada por um homem. Acho que os homens são completamente ignorantes em tudo o que diz respeito à intimidade.

Por fim, não posso deixar de mencionar a questão do amor virtual. Entrevistei homens e mulheres que vivem ou viveram esse tipo de relacionamento pela internet. Conheci inúmeros casos amorosos e sexuais que começaram pela internet e provocaram intensas paixões, mas, também, causaram extremos sofrimentos, ciúmes, separações, instigando uma discussão acirrada sobre se as relações que se limitam ao computador devem ser consideradas infidelidades ou apenas uma nova forma de masturbação estimulada pelas novas tecnologias de comunicação.

Entrevistei homens e mulheres que disseram ter uma vida amorosa e sexual bastante intensa e excitante com seus amantes virtuais. Disseram que as vantagens desse tipo de relação são incomparavelmente superiores às desvantagens, tais como: poder estar com o amante somente quando tem vontade; deletar o amante quando está cansado dele; não correr o risco de contrair doenças; não se sentir traindo verdadeiramente o cônjuge já que a relação é apenas virtual.

Uma das mulheres que pesquisei, relaciona-se, há quase um ano, com um homem que conheceu na internet. Ele mora em uma pequena cidade dos Estados Unidos e ela no Rio de Janeiro. Ele tem 43 anos, ela 47. Falam-se todos os dias, algumas vezes chegam a conversar mais de seis horas, durante a madrugada. Ela me disse que tem muito mais intimidade e diálogo com ele do que tem com o marido, com quem é casada há muitos anos. Disse que a intimidade foi se construindo ao longo dos meses, sem nenhuma expectativa de que a relação se tornasse mais séria.

É um tipo de namoro antigo, uma intimidade a distância, por mais paradoxal que possa parecer. É uma sedução e uma conquista passo a passo, como não existe mais no mundo real. Primeiro nos conhecemos, começamos a conversar muito só teclando. Depois nos falamos pelo skype, só com o microfone. Eu enviei minhas fotos, ele enviou as dele. Tudo muito mais lento do que se eu estivesse tendo um caso no mundo real. Só depois de alguns meses, concordei em ligar a minha câmera de vídeo. Hoje, nos falamos todas as noites, quando o meu marido está dormindo ou viajando. É tudo muito romântico. Adoro a sua voz, ele adora a minha voz. Fazemos sexo, quase todas as noites. Ele quer se casar comigo. Eu quero continuar como estamos. Não quero correr o risco de perder algo tão importante para mim: a nossa intimidade. Sei que pode ser só uma fantasia, uma projeção e que tudo pode acabar se nos encontrarmos no mundo real. Sei que posso não gostar do seu hálito, dos beijos, do cheiro do seu corpo. Prefiro a intimidade que temos no mundo virtual, mesmo que seja apenas uma ilusão de intimidade.

No material da minha pesquisa, chama muita atenção o fato de as mulheres reclamarem da falta de intimidade com seus parceiros, enquanto os homens se queixam da falta de compreensão de suas mulheres. Talvez aqui, neste descompasso entre os desejos femininos e masculinos, esteja a chave para compreender os amores de verdade e as verdades do amor.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo 2: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. *A Outra*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. *Intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2010.